

DENEEN, Patrick J. **Por que o liberalismo fracassou?** 1ª ed. – Editora Âyiné, 2020, p. 258.

Why Liberalism Failed é uma obra publicada em 2018 nos Estados Unidos da América pelo professor de ciência política da *Universidade de Notre Dame*, Patrick J. Deneen. O autor articula uma ampla crítica à ideologia liberal abrangendo tanto o liberalismo clássico, identificado à direita republicana no cenário americano, quanto ao liberalismo progressista, identificado à esquerda democrata americana. A tradução da obra foi publicada no Brasil pela Editora Âyiné, em março de 2020, sob o título *Por que o liberalismo Fracassou?*. A presente resenha da referida obra visa a apresentar os argumentos sustentados pelo autor. O texto de Deneen adota uma metodologia exploratória por meio de revisão bibliográfica de obras do pensamento liberal. Apesar de pouco conhecido no Brasil, o livro apresenta importantes críticas teórico-práticas ao pensamento liberal.

De início, Deneen propõe como objetivo apresentar uma crítica à excessiva ênfase à autonomia individual que fundamenta o pensamento liberal e defender que o liberalismo deve ser aposentado como ideologia. Sua hipótese é a de que o liberalismo fracassou ao se tornar bem sucedido, pois a absolutização da autonomia individual leva à atomização dos indivíduos, à quebra de laços comunitários, à profunda desigualdade social, à desestabilização das autoridades, dentre outras consequências. Para o autor, o liberalismo, enquanto ideologia que absolutiza a autonomia individual, tornou-se um pesadelo para a liberdade. Face a esse cenário, o autor proporá ser preciso haver novas formas de comunidade que reestabeleçam as relações de fraternidade entre os indivíduos através de laços morais.

Na introdução, Deneen entende que o liberalismo tem funcionado como uma cosmovisão que só é percebida quando entra em crise. Isto é, a visão de mundo dos indivíduos ocidentais foi tão modelada pelo liberalismo que, só em crise, é possível enxergar com mais clareza suas consequências. A crise surge à medida que formulações do liberalismo sobre a natureza humana não correspondem à realidade e quando as promessas de mais liberdade por meio de mais autonomia individual não são alcançadas. As crises identificadas pelo autor se

¹ Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil. Bacharel em LEA Negociações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil. Bacharel em Direito pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7799-3707>. E-mail: andersonbarbosapaz@gmail.com.

dão em vários âmbitos. Na política, aristocracias governantes são legitimadas com base em pressupostos liberais que, por sua vez, atribuem a tais lideranças mais poder para garantir mais liberdade aos indivíduos. Contudo, o custo da concentração de poder político é mais distanciamento entre as aristocracias e as massas, como também um maior controle de tais lideranças sobre os cidadãos.

Deneen defende que no âmbito econômico, o princípio liberal de competição tende a reforçar as desigualdades econômicas, gerar distinção meritocrática entre vencedores e fracassados e submeter os indivíduos à mentalidade consumerista. A educação, por sua vez, deixa de servir ao cultivo de uma pessoa livre e passa a ter a finalidade de atribuir ao mercado profissionais preocupados, primordialmente, com o sucesso financeiro. Nesse ponto, Deneen identifica uma lógica nefasta: o liberalismo deixa de apresentar apenas uma proposta de livre mercado e passa a tornar a sociedade uma economia de mercado. Estado e mercado agem juntos no sentido de que a maior presença do estado é pedida por indivíduos que querem ter preservada um âmbito maior da própria liberdade e isso, por consequência, fortalece ainda mais a aristocracia e o aparato estatal ao passo que aprofunda as desigualdades sociais. Competição e mérito passam, portanto, a determinar as relações interpessoais e intercomunitárias.

Após uma introdução que, em certa medida, sumariza as principais críticas do autor ao liberalismo, Deneen, no primeiro capítulo, discute como o liberalismo é insustentável. Para o autor, o liberalismo clássico surgiu no sentido de apresentar uma defesa da liberdade individual face ao poder estatal. No contexto europeu, tanto no pensamento político continental como anglo-saxão, o liberalismo secularizou valores cristãos e deu autonomia à ciência e à economia política face à intervenção estatal e da igreja. Tal liberalismo clássico, segundo o autor, assumiu uma concepção de individualismo antropológico e de liberdade de escolha pela qual os indivíduos foram entendidos como agentes racionais que visavam seu autobenefício através de relações contratuais, ao passo que não eram determinados por uma natureza humana prévia.

A partir disso, o pensamento liberal possibilitou comunidades contratuais à medida que as relações interindividuais e intercomunitárias se davam com base em vínculos precários e se sugeria que o ser humano podia dominar racionalmente a natureza por meio da expansão acentuada de sua liberdade. O estado passou a agir para garantir que a liberdade individual sobre a natureza se concretizasse e que vínculos contratuais fossem validados por um terceiro ente burocrático não-interventor. Nesse sentido, o liberalismo já se mostrava insustentável à

medida que fundamentava os vínculos comunitários com base em relações precárias e demandava um estado cada vez maior para garantir mais liberdade individual.

No segundo capítulo, o autor argumenta que o liberalismo uniu individualismo e estatismo. Historicamente, agendas políticas mais à direita propõem um estado mínimo que possibilite mais liberdade individual, ao passo que agendas mais à esquerda sustentam que um estado maior deve agir para garantir mais igualdade entre os indivíduos. Para o autor, ambos os espectros políticos contribuem para a expansão do estado e do individualismo à medida que defendem uma maior ou menor expansão dos mecanismos estatais para superar barreiras à autonomia individual, seja para dar mais liberdade aos indivíduos, seja para promover mais igualdade entre os indivíduos. Conseqüentemente, sustenta Deneen, indivíduos mais atomizados e desprovidos de laços comunitários demandam mais estado que, por sua vez, é expandido para controlar uma sociedade sem valores compartilhados. Logo, a sociedade civil é enfraquecida já que suas instituições não promovem cooperação.

A visão negativa de Deneen acerca do pensamento liberal é ainda mais potencializada quando, no capítulo terceiro, o autor caracteriza o liberalismo como uma anticultura. Para ele, o liberalismo disseminou uma anticultura abrangente e potencializou perdas para as culturas particulares. Primeiramente, ao defender o amplo domínio racional dos indivíduos sobre a natureza, o pensamento liberal atacou normas culturais que valorizavam a natureza. Ademais, o pensamento liberal, ao priorizar o presente, fragmentou a conexão entre passado, presente e futuro fragilizando o pacto entre gerações para a preservação da humanidade. E, ainda, o liberalismo levou à destituição de valor dos vínculos locais que geram responsabilidade comunitária. Em substituição, Deneen entende que o pensamento liberal homogeneizou o mercado global destruindo culturas particulares em prol de uma cultura universal, apagou diferenças entre os indivíduos e comunidades, e destituiu os indivíduos de responsabilidade moral de um para com o outro. Por isso, declara o autor: “a ‘cultura’ liberal é o vácuo que fica depois de a experiência local ter sido eviscerada, de a memória ter sido perdida e de todos os lugares terem se tornado iguais” (DENEEN, p. 124).

Já no capítulo quatro, Deneen discute como a expansão da tecnologia, com base nos pressupostos liberais, levou à perda de liberdade. O pensamento liberal, que se propõe neutro, possibilita a crença de que a tecnologia se desenvolve independentemente de normas e intenções. A tecnologia deve seguir, para o liberalismo, seu curso natural sem intervenção, posto que resultará em mais liberdade. Para o autor, porém, a expansão desenfreada das novas

tecnologias destroem a tradição, os costumes e as práticas culturais e, por consequência, os indivíduos se tornam mais solitários, impotentes e submissos às tecnologias.

No que toca aos impactos do pensamento liberal sobre a educação, Deneen, no capítulo cinco, entende que o liberalismo se coloca contra as artes liberais. O pensamento liberal substitui o ideal de uma educação liberal por uma educação utilitária. A educação liberal se caracterizava por cultivar nos indivíduos práticas que os libertassem dos próprios instintos, disciplinando-os por meio do cultivo de boas práticas. Por sua vez, entende o autor, o liberalismo propõe uma educação pragmática que não impõe limites aos instintos naturais dos indivíduos e propõe mais progresso por meio da sujeição da natureza à vontade humana. Enquanto as artes liberais sugeriam limites à autonomia individual, o pensamento liberal propõe mais autonomia para se alcançar mais progresso.

No capítulo seis, o autor discute como o liberalismo legitima uma nova aristocracia. Segundo Deneen, o liberalismo possibilitou uma profunda estratificação social. Com base no discurso meritocrático, a aristocracia mantém sua posição com a promessa de que todos podem, por meio do próprio esforço, ascender nas camadas sociais. Por sua vez, o liberalismo igualitário prometeu mais igualdade por meio de mais liberdade individual. Sejam por meio da competição e do mérito, sejam por meio de mais oportunidades igualitárias, o discurso liberal tornou a sociedade mais passível ao domínio de uma minoria mais forte à medida que as virtudes e os costumes foram abandonados em busca do objetivo individual de subir socialmente à aristocracia.

No último capítulo, Deneen sugere que o liberalismo degradou a cidadania. De acordo com o autor, a ênfase liberal nos interesses privados fez com que os indivíduos perdessem a dimensão de cidadania pública. A própria democracia liberal se torna alvo de liberais quando democratas sugerem sobrepor interesses cívicos às opiniões e interesses individuais. Com isso, tem-se uma baixa e má participação cívica dos indivíduos que não conseguem perceber a dimensão cidadã de suas decisões e interesses.

Deneen conclui que o liberalismo está em crise devido a seu esgotamento individualista. Ainda assim, sugere o autor que é preciso manter as conquistas do liberalismo, ainda que seja preciso abandonar seus motivos fundacionais básicos. O escritor ainda propõe a necessidade de se cultivar novas práticas que incentivem novas formas de cultura, economia doméstica e participação cívica. Assim, entende Deneen, as conquistas e demandas da liberdade individual devem ser mantidas, mas a ideologia liberal deve ser abandonada, a fim de se cultivar uma liberdade após o liberalismo, isto é, uma liberdade comunitária, local e cívica.